

Luís Carlos Cantanhede vive bodas de ouro no rádio

Alguns minutos já se passavam das dez horas da manhã do dia 20 de fevereiro de 2012, hora da qual eu teria uma nova boa conversa com o radialista Luís Carlos Cantanhede. Diálogo simples, somente para relembrar alguns aspectos da vida dele que eu havia esquecido. Luís Carlos, ou apenas Cantanhede como é mais conhecido entre os colegas, estava descamisado e usava um short escuro à altura dos joelhos. No momento em que cheguei a casa dele para entrevistá-lo, ele despreocupado conversava com uma vizinha, e me recebeu de forma simpática, sempre com um sorriso no rosto, um jovem senhor. Não prestei muito atenção na conversa dos dois, era óbvio que eu estava descontextualizado.

Por um breve momento, enquanto ainda esperava por minha chance de entrevistá-lo lembrei de alguns momentos da viagem que havia feito com ele e com meus colegas de curso há quase um ano atrás. Luís Carlos foi nosso professor de radiojornalismo e locução, e tinha nos levado para o município de Itaubal para termos nossas primeiras experiências concretas com o rádio. Algo gratificante. Tanto pela disponibilidade, com a qual um senhor de 69 anos tinha em nos ajudar, quanto pela humildade com a qual ele conduzia nossas curiosidades, medos e ambições. Fumando sempre um cigarro de filtro branco, ele nos contava um pouco da experiência dele com o rádio, acumulada ao longo dos anos. Experiência essa que ele pode me relembrar durante toda a entrevista.

Luís Carlos Cantanhede nasceu em 1946, na cidade de Belém no estado do Pará. Começou sua carreira no rádio como amador aos 18 anos, exercendo a função de repórter esportivo na Rádio Educadora de Bragança. Profissionalmente iniciou somente em junho de 1970, na função de narrador esportivo, trabalhando em diversas emissoras do Pará, na Rádio Clube, na Rádio Marajoara e na extinta Rádio Guajará FM. Cantanhede também trabalhou no município de Santarém ainda no estado do Pará, em rádios como a Rádio Tropical de Santarém e a Rádio Ponta Negra de Santarém.

Luís Carlos, no entanto não se limitou ao estado do Pará, e trabalhou em

outros estados do norte do Brasil, como no estado do Amazonas na Rádio Riomar da cidade de Manaus, e no estado de Rondônia na Rádio Caiari da cidade de Porto Velho. Até chegar a Macapá no ano de 1986, onde só passou a atuar no rádio em 1994, primeiramente na Rádio Equatorial AM, e logo depois no mesmo ano, a convite do jornalista Humberto Moreira na Rádio Difusora de Macapá. Sempre narrando futebol, função que somente abandonou há alguns anos atrás, *"como narrador esportivo eu passei 39 anos e meio narrando futebol como profissional. E hoje eu parei né?! levantei a chuteira faz... fez três anos agora em novembro do ano passado, três anos que eu não narro mais futebol. E tô me dedicando só a apresentação do programa Clube da Madrugada, de sexta pra sábado, uma vez na semana"*.

Clube da Madrugada é um programa de entretenimento, e com o entretenimento Cantanhede sempre flertou ao longo da carreira. Em paralelo a narração esportiva, função preferida de Luís Carlos, ele revelou que costumava arranjar um tempo aqui, outro ali, para se dedicar a variados programas.

Dentre os êxitos de Luís Carlos, também é digno de notoriedade a dedicação dele como professor de radiojornalismo e locução de rádio. *"Durante essa minha vida todinha aí de rádio eu sempre procurei, eu sempre fui um cara assim que nunca, nunca gostei, nunca fui egoísta, nunca quis as coisas só pra mim. Eu sempre penso no meu próximo, sempre no meu colega, penso numa colega que tem vontade. Eu sempre procurei ensinar, e quando foi no ano de 2006, pela Copa da Alemanha, eu fui procurado pela direção do SENAC, lá na Rádio Difusora, pra eu ministrar um curso de Locução de Rádio no Laranjal do Jari, aí eu aceitei o desafio e fui, gostei, formei uma turma lá de 28 alunos, lá no Laranjal do Jari"*. Porém, no SENAC não ficou por muito tempo, alegando problemas financeiros. Em 2007 decidiu então lecionar em cursos independentes, dos quais ele mesmo ofereceria aulas de locução de rádio e radiojornalismo. Este projeto que vem sendo executado desde o ano de 2007, forma ritualisticamente duas ou três turmas por ano dependendo da demanda.

Ao longo de pouco mais de 50 anos trabalhando no rádio, Cantanhede não só colheu bons frutos da carreira, como também se feriu em aguçados espinhos,

que muitas vezes os levaram a tentar desistir do ofício. Bem humorado declarou: *“Eu já tentei sair bem umas num sei quantas vezes do rádio, mas o rádio é uma cachaça que a gente tem né?! Da feita que a gente começa, num larga... é a necessidade que a gente tem”*.

Cantanhede também enfrentou alguns processos judiciais, devido segundo ele, à inexperiência e a falta de conhecimento dos percalços do ofício. *“Eu mesmo já peguei uns quatro processos, fui condenado durante a minha vida todinha. Fui condenado três e fui absolvido um. Mas tem colegas meus aí que tem 30, 40, 50 processos na costa. É a profissão. [...] Nós que trabalhamos na imprensa, temos que ter muito cuidado, principalmente na área do jornalismo”*.

Cantanhede foi categórico em afirmar que em Macapá e no Brasil não existe total liberdade de expressão. Ele afirma que o governo é o primeiro a demonstrar incompreensão em relação à veiculação de opiniões sobre a gestão pública, o que devia ser o inverso, o governo deveria acatar opiniões e não persegui-las por serem expressas. *“As pessoas falam: - ah nós temos liberdade de expressão. Nós não temos. Nós somos limitados, ou você é contra ou a favor, você não pode ficar em cima do muro”*. Das três condenações que Luís Carlos Cantanhede recebeu em nenhuma delas chegou a ser encarcerado. Nas duas primeiras prestou serviço comunitário em escolas públicas, e a última pagou com cestas básicas.

Lembrando-se dos momentos saudosos da carreira, Cantanhede contou-me alguns: *“Eu tive vários momentos bons, por exemplo, na época em que eu narrava futebol, o meu objetivo era um dia narrar a decisão do campeonato paraense no Manguirão, eu tive essa felicidade de narrar”*. *“Outra alegria que eu tive também foi em 1995 que a Difusora me mandou pra Manaus, pra reinauguração do Vivaldo Lima, pra transmitir o jogo pra cá da seleção brasileira e seleção da Colômbia, em 95, eu, Eraldo Almeida e o Tarcísio Franco como narrador. Então foi uma felicidade muito grande que durante minha vida, minha carreira, eu nunca tinha narrado um jogo da seleção brasileira”*.

Cantanhede também relembrou de um momento gratificante da carreira, quando viu nos olhos de uma criança a felicidade que ela sentia por conhecê-lo

pessoalmente.

“Faz uns três anos atrás, eu fui convidado para ir pruma festa no mês de agosto, uma festa de São Raimundo, aqui... na... Serraria Grande, aqui no município de Afuá, lá no Cuca Miranda, e fui eu, foi o coronel Correia, foi a Leila Andrade, a Josi Santos, o pessoal da Difusora que faziam parte também do programa Clube da Madrugada, e eu apresentava nessa época o Show da Tarde. E quando nós chegamos, nós chegamos lá por volta de três horas da tarde, muita gente na sede, sede grande, e o Cuca Miranda foi nos levar, nos apresentou e tal. Aí veio uma mocinha, o pai e uma garotinha, mais ou menos, de oito anos de idade, e disse: - você é o Cantanhede né? – Sou. Ela me abraçou e começou a chorar. Poxa eu sou sua fã. Eu sou sua ouvinte”.

“Rapa! aquilo me emocionou muito, quer dizer, um ato desse, uma situação como essa, a gente se sente feliz. Agradar alguém, ser amado por alguém que a gente nem conhece. Porque o rádio nos proporciona isso, você tá aqui no estúdio, tem dezenas e centenas de pessoas lhe ouvindo, mas você não conhece. Alguma daquelas pessoas lhe adota dentro da sua casa e passa a te amar, e você não tá nem sabendo. [...] Aquilo ali me marcou muito”.

Dos espinhos que macularam a vida de Luís Carlos, nenhum deles significou grandes tristezas ou perdas para o radialista. Quando perguntado sobre os momentos tristes, nada do que havia acontecido a ele representava grande relevância. Apenas um fato o havia marcado, e este fato era a lembrança infeliz da esposa falecida há nove anos. *“A coisa triste que aconteceu assim... Eu fui porque sou um profissional. A minha esposa tinha falecido fazia oito dias, ela morreu numa sexta-feira, enterramos no sábado, passou esse final de semana. Aí na quinta-feira veio à escalação que eu tinha que narrar um jogo do campeonato no domingo à tarde, no estádio Zerão, e eu fui. Por sinal eu fui até elogiado pelo diretor de programação o meu amigo Rodiney Santos, o preto velho da Amazônia, que não deixei em momento nenhum transparecer, transmitir aquilo, que eu tava em luto. As pessoas sabiam que a minha esposa tinha morrido, tinha falecido. E tava recente. Eles não tinham outro pra colocar, eles estavam contando comigo pra narrar o jogo, e fui, fiz um trabalho profissional. [...] Esse fato que aconteceu,*

até hoje eu me lembro também, marcou muito pelo lado triste”. A esposa de Cantanhede faleceu em setembro de 2003 deixando uma grande lacuna na vida do nosso jovem senhor de 70 anos de idade, saudade que o tempo não pôde apagar.

Atualmente Luís Carlos mora com a filha e o genro, e ainda trabalha na Rádio Difusora de Macapá, no programa Clube da Madrugada que está sempre no ar de sexta-feira para o sábado, das 00h: 00min às 03h: 00min da madrugada.

Danilo Martinho Pantoja de Almeida

Acadêmico do segundo semestre do curso de Jornalismo na Universidade Federal do Amapá.

Perfil produzido para a disciplina de Mídia Impressa ministrada pela prof. Roberta Scheibe

Macapá/AP, março de 2013.